

Os custos sociais da pornografia

Quando o consumo de um produto é aditivo, está ao alcance de quem quer que seja e muitas vezes é gratuito, não estranha que se “normalize”. Mas isso não significa que seja inócuo. Na era da Internet, a pornografia invadiu não apenas os computadores, como também as mentes de muitos. Está a ter custos em termos de saúde mental, tensões nos casais e depreciação da sexualidade.

O Whitherspoon Institute, em conjunto com o Institute for the Psychological Sciences e o Social Trends Institute, começou a organizar há alguns anos um ciclo de conferências sobre os efeitos da pornografia. Nele intervieram especialistas de diferentes setores: psicólogos, psiquiatras, sociólogos, juristas e antropólogos. Os textos das comunicações foram reunidos posteriormente no livro “Los costes sociales de la pornografia”, publicado recentemente em castelhano [James R. Stoner e Donna M. Hughes (ed.), Rialp, Madrid, 2014, 317 págs.]

A normalização da pornografia

O livro divide-se em três secções, juntamente com um resumo bibliográfico das investigações mais relevantes sobre o tema. Na primeira, exploram-se os danos provocados por uma autêntica “avalanche” de pornografia, como várias vezes a definem os autores. Os danos são estudados de um ponto de vista cultural, neurológico e na sua relação com as condutas violentas e as relações sociais.

No primeiro dos ensaios, a escritora e jornalista Pamela Paul explica como a pornografia abandonou o canto escuro e clandestino que ocupava até à década de 80, e se instalou na cultura popular. Não se trata só de o material pornográfico estar muito mais acessível graças à Internet, não se trata apenas de serem produzidos anualmente mais filmes deste tipo (com uma prevalência preocupante, além disso, de pornografia violenta ou degradante); o mais grave, pensa Paul, é a sua crescente aceitação social: as jovens posam descaradamente em atitudes pornográficas nas redes sociais;

as estrelas porno surgem com frequência nas mesmas revistas sensacionalistas que cantores, atores e celebridades.

Parte desta normalização da pornografia foi conseguida graças a uma meditada estratégia de “desmitificação” deste tipo de material, eliminando a auréola de proibido que o rodeava e oferecendo-o, pelo contrário, como algo sexy e mesmo divertido. Paul recorda algumas comédias recentes onde os protagonistas se orientam para trabalhar na indústria pornográfica, sem que isso pareça interferir nas suas vidas correntes.

Um assunto de saúde pública

Jill C. Manning, terapeuta familiar que escreve um capítulo sobre a influência da pornografia na mulher, recorda como lhe chamou a atenção ver uma adolescente que vestia uma camisa onde se podia ler: “futura estrela porno”. Aquilo fê-la refletir: “Que leva uma jovem a fazer tal anúncio? Qual é o seu significado? A quem espera ofender ou atrair? Quem tira proveito deste tipo de produtos? E se se trata de uma brincadeira, como e quando trabalhar na indústria do sexo se tornou divertido em vez de desesperado e abusivo?”.

O exemplo desta rapariga, e de muitos outros jovens que Manning pôde tratar na sua atividade de terapeuta familiar, levou-a a admitir que, lamentavelmente, hoje a pornografia está muito presente no dia a dia da juventude, e é a sua principal fonte de educação sexual.

Tendo em conta a mensagem que a pornografia envia aos seus consumidores sobre a relação homem e mulher, esta omnipresença do porno envolve um problema de saúde pública de primeira ordem. Mulheres e raparigas adolescentes enfrentam uma cultura sexual moldada pela pornografia, que influi no modo de se verem a si próprias e no tipo de relações que mantêm com os homens.

Como terapeuta, Manning constata que “as adolescentes toleram cada vez mais abusos emocionais, físicos e sexuais nas suas consultas”. A autora reflete com ironia sobre como as novas gerações de jovens renegam na prática as ideias feministas de tempos atrás, que reivindicavam a

autodeterminação da mulher e a libertação de um domínio patriarcal.

Problemas no casal

Todos os autores concordam em salientar alguns dos problemas associados à pornografia, recolhidos, além disso, por uma cada vez mais extensa bibliografia. A exposição reiterada a material pornográfico leva a que os seus consumidores tenham interpretações exageradas sobre a prevalência da atividade sexual entre a população em geral; que se reduza o seu desejo de conseguir a exclusividade sexual com um só parceiro (pelo que perde atrativo o ideal de se casar e de formar uma família); aumenta o risco de desenvolver uma baixa autoestima, sobretudo nas mulheres; gera uma imagem cínica do amor e uma visão da sexualidade como puro domínio sobre o outro.

Um dado revelador é que entre as mulheres que consumiram pornografia com assiduidade, seja diretamente ou por exposição no domicílio familiar, é muito mais frequente uma atitude de indulgência com os delitos de violação, ou com os maus tratos físicos. A ligação entre pornografia e legitimação da violência é cada vez mais clara para os investigadores e terapeutas.

Outra tendência claramente documentada é a prevalência cada vez maior de problemas relacionados com a pornografia nos casos de divórcio. Testemunhos de homens e de mulheres confirmam que foi prejudicial para a sua satisfação sexual, as suas relações e a sua capacidade no relacionamento íntimo com os seus cônjuges.

A maioria das mulheres encara como uma “traição” o consumo reiterado de material pornográfico por parte do seu parceiro. Pelo contrário, entre os homens, embora a opinião negativa sobre a pornografia seja maioritária, constata-se uma menor associação entre o seu consumo e a sensação de enganar a parceira. Várias associações de juizes afirmaram que o consumo de pornografia – quase sempre por parte do homem – é cada vez mais uma das causas principais nos litígios matrimoniais.

Um educador de comportamentos

Parte do êxito da pornografia deve-se a que reúne as condições para se converter num poderoso “educador” de comportamentos e convicções: a plasticidade da imagem, combinada com a especial vulnerabilidade do cérebro em momentos de excitação mental, e os mecanismos de recompensa fácil que a pornografia oferece, fazem dela um instrumento muito eficaz para a doutrinação.

Norman Doidge, psiquiatra e psicanalista, examina como a pornografia se aproveita da plasticidade do cérebro em matéria sexual, até formar o que ele denomina “um novo mapa cerebral”. Retomando algumas teorias freudianas, Doidge explica que a libido humana “não é um desejo biológico invariável, manifestando-se sim por uma curiosa volubilidade, alterando-se com facilidade em função da nossa psicologia e do nosso historial sexual”.

A exposição a material pornográfico na infância, um período crítico para a formação da sexualidade, é um fenómeno cada vez mais frequente, e pode gerar consequências que duram a vida toda. Além disso, a ligação rápida à Internet “satisfaz todos os pré-requisitos necessários para a mudança neuroplástica”.

Tendência para o violento

Doidge alerta sobre a mudança ocorrida nas últimas décadas a respeito da catalogação do material pornográfico: o que antes era considerado “pornografia suave” nem sequer se considera pornográfico atualmente, e esse tipo de conteúdos é omnipresente em publicidade, videoclips ou séries para o público em geral; por seu turno, o que antes era “pornografia dura” constitui hoje a norma neste setor, enquanto que o material duro manifesta hoje uma perigosa tendência para o violento.

Esta mudança no paradigma da pornografia ajusta-se perfeitamente ao que se produz no cérebro do consumidor assíduo: a princípio sente repugnância perante determinados conteúdos, mas a habituação faz com que cada vez requeira uma dose mais forte para conseguir os mesmos resultados.

Daí que uma das consequências típicas do consumo frequente de pornografia, seja deixar de sentir apetência pelas relações normais com a parceira.

Não obstante, salienta Doidge, os mesmos mecanismos cerebrais

que nos permitem adquirir gostos problemáticos podem, mediante tratamento intensivo, levar-nos a gerar mapas cerebrais mais sãos.

Uma falha antropológica de base

Na introdução do livro, explica-se que não é possível entender o drama da pornografia concentrando-se apenas na evidência dos danos sociais provocados; faz falta entender por que é nociva para o homem de um ponto de vista antropológico.

A isso se dedica a segunda parte do livro, sobretudo o capítulo de Roger Scruton, filósofo e escritor. A tese principal de Scruton é que a pornografia aliena a sexualidade por eliminar dela o seu elemento fundamental: a entrega ao outro, a interpessoalidade.

F. R.-B.

Mitos modernos sobre o desejo sexual

Num dos capítulos do livro já referido “Los costes sociales de la pornografía” [James R. Stoner e Donna M. Hughes (ed.), Rialp, Madrid, 2014, 317 págs.], o filósofo Roger Scruton argumenta que para avaliar a conduta sexual não basta considerar se se respeita a liberdade e se existe consentimento mútuo. A discussão deve centrar-se na própria natureza do ato sexual e no desejo expresso através dele. Na sua opinião, o modo de ver hoje o comportamento sexual baseia-se em cinco mitos.

O primeiro mito estabelece que o desejo sexual é o desejo de um tipo particular de prazer, localizado nos órgãos sexuais. (...) A outra pessoa é um estímulo do desejo, mas não objeto do mesmo. (...) Este mito tem como efeito a eliminação do desejo e do prazer sexuais na esfera das respostas interpessoais, e a sua reconstrução como puros apetites sensoriais, similares ao desejo e ao prazer de se arranhar.

Por que motivo as pessoas acreditam em algo assim? Do meu ponto de vista, as razões predominantes são duas. A primeira é que simplifica os fenómenos sexuais, tornando-os intelectualmente manejáveis. O sexo é equiparado ao ato de comer e ao de beber: o desejo é dirigido para uma gratificação sensorial, e faz parte da busca geral de prazer do organismo animal. (...) Este prazer envolve uma ajuda no processo reprodutivo, do mesmo modo que o prazer de comer ajuda o organismo na alimentação.

A outra razão que leva a acreditar neste mito é que simplifica os fenómenos sexuais, tomando-os moralmente manejáveis. Se o sexo é como o ato de comer, as relações pessoais, o compromisso e outros aspetos ficam descartados do ponto de vista moral. Os requisitos de moralidade mais elementares estarão satisfeitos sempre e quando a outra pessoa se sente conosco para desfrutar da comida voluntariamente. Talvez deva cuidar da dieta, mas só por motivos de saúde. Os velhos aspetos aos quais se devia prestar atenção, como a vergonha, a honra, o dever conjugal e outros semelhantes, são (...) meras miudezas de uma era na qual o “sexo seguro” era difícil de garantir.

Uma mera técnica

O segundo mito é que a satisfação sexual depende de fatores como a intensidade e a duração do prazer sensorial (...) e que o “sexo bom” depende de que se façam bem as coisas. (...) Tal como o mito anterior, serve para simplificar o fenómeno do sexo, tanto objetiva como moralmente. Redu-lo a uma técnica cuja descrição mais adequada é a de arte, e representa-se como um meio (...): “instrumentaliza” o ato sexual.

O terceiro mito é de um tipo diferente, visto que procura ter um carácter científico, ou pelo menos pretende-o. É o mito de que os impulsos sexuais têm de ser expressos, e que qualquer tentativa de “os reprimir” é prejudicial do ponto de vista psicológico. As origens deste mito encontram-se nas teorias de Freud, que, todavia, não apoiava a visão de que a repressão seja prejudicial. (...).

A este terceiro mito associa-se um quarto, segundo o qual só existe um tipo de desejo sexual, independentemente da natureza daquilo que o desperte: (...) uma mulher, um homem, um animal ou um ser imaginário. (...) Não há nada no próprio impulso que exija um tipo particular de parceiro. A “orientação” sexual, como se denomina atualmente, é pura e simplesmente um hábito de excitação arraigado, treinado com base num objeto particular.

Este mito adere naturalmente aos outros três, mas as razões para o adaptar são muito diferentes: o desejo de rever, e mesmo abolir, a ideia tradicional de normalidade sexual, visto que o quarto mito abre o caminho para a conclusão de que não existe tal normalidade sexual, e que a homossexualidade (por exemplo) não é em si mesma uma perversão. As condutas homo e heterossexuais utilizam diferentes instrumentos, mas a sua finalidade é a mesma, e qualquer argumento de distinção entre o bem e o mal aplica-se de maneira idêntica em ambas. Não deve haver coerção, fraude nem engano, e cada membro do casal deve ser aberto e honesto com o outro, mas o seu sexo carece de relevância no momento de classificar a moralidade do ato.

Sem vergonha nem culpa

Por último, o quinto dos mitos modernos sobre o sexo, e o mais importante em muitos aspetos, diz-nos que atitudes como a vergonha, a culpa e a aversão são doentias. (...) Grande parte da educação sexual atual foi definida como uma terapia para mitigar a culpa e a vergonha, uma maneira de conseguir que os jovens aceitem os seus impulsos sexuais e encontrem maneiras de os expressar sem se sentirem mal a esse respeito. O progresso moral leva-nos a libertar-nos do nosso juízo interno, a aprender a expressar a nossa sexualidade em liberdade e a superar o sentimento de culpa irracional, que provém dos outros e não do nosso verdadeiro eu interior.

Estou de acordo com a afirmação de que devemos encontrar maneiras de expressar os nossos desejos sexuais sem sentir culpa nem vergonha. Mas acho também que estes sentimentos são muitas vezes justificados, e que o que nos exigem não é adotarmos uma terapia que nos permita eliminá-los, mas abraçarmos uma conduta com a qual possamos evitá-los. (...).

Desejar a outra pessoa

O desejo sexual é uma emoção entre pessoas, na qual sujeito e objeto se enfrentam enquanto indivíduos. Por isso, o desejo sexual tal como o conhecemos é próprio dos seres humanos. Ao descrever o desejo sexual, estamos a explicar o desejo de John por Mary, ou o de Jane por Bill. E as pessoas não só descrevem os seus desejos, como o meu desejo por ti; também o experimentam assim. “Desejo-te” não é uma figura de retórica, mas a expressão real do que sentimos. (...).

A excitação sexual não é um estado corporal, embora acarrete certas mudanças no organismo. Trata-se de um processo da alma, o despertar sustentado de uma pessoa por outra, através de toques, olhares e carícias. A troca de olhares é especialmente importante, e ilustra uma característica geral das relações pessoais. As pessoas, tal como os animais, *observam-se* externamente. Mas também olham o *interior* do outro, sobretudo quando se excitam mutuamente. O olhar do desejo é como uma citação, uma chamada ao outro eu para que se mostre, entrelaçando a sua própria liberdade e individualidade com o feixe de luz que o chama. (...).

As pessoas são indivíduos no firme sentido de serem *identificados*, tanto por si próprios, como pelos outros, enquanto únicos, insubstituíveis e *sem substitutos possíveis*. Isto é algo que Kant procurou expressar na sua teoria das pessoas como “fins em si mesmos”. (...) Disso se deduz que, nas relações pessoais onde o próprio eu e o outro se relacionam como sujeito e objeto, cada um vê o outro como único, sem substituto, o que tem um impacto imediato sobre o desejo sexual. Ao John frustrado no seu desejo por Mary não se pode oferecer Jane como substituta. Alguém que afirma: “Podes tentá-lo com Jane; falá-lo-á igualmente bem”, não compreende o *que* quer John quando deseja Mary.

Também se depreende que o desejo exige negociações complexas, comprometidas e potencialmente embaraçosas, e que, sem elas, a intimidade sexual é suscetível de produzir repugnância por si próprio. Quando as raparigas se queixam das violações por pessoas conhecidas, têm em mente este tipo de fatores. Não negaram necessariamente o consentimento ao que sucedeu. Pode ser que o fizessem exteriormente, mas não foi assim interiormente, e não se deram conta disso até demasiado tarde. O consentimento tem de ser preparado através de elaborados jogos e relações íntimas, nos quais ambas as partes da transação desdobram de forma avisada a sua liberdade e a sua responsabilidade.

R. S.